

## Livros nas Feiras

Já repararam, por certo, nuns barracos de feira, pintal-gados com gosto de droguista, que estão a erguer-se na Praça da Liberdade?

Não damos novidade alguma — bem sabemos — se lhes dissermos que se trata de mais uma Feira do Livro.

A «coisa» pelos modos «pe-gou» e os industriais do livro, pelo visto, não se dispensam de, anualmente, vir à praça pública estabelecer um mais directo contacto com o público comprador.

Nos anos anteriores aquela chamada Feira do Livro resultou, afinal, numa exposição de sucata livresca e os únicos que lucraram alguma coisa foram, com certeza, os expositores e os «monos» invendáveis: os primeiros venderam (e deram) algumas novidades literárias de... há 20, 30 e 40 anos; quanto aos segundos, os tais «monos» — que não conseguiram ser dados os vendidos — tomaram, pelo menos, um prolongado banho de sol, tratamento que, proveitosamente, vêm fazendo há seis anos — como disse, em tempos, um colaborador de «O Diabo».

¿O que será a Feira do Livro este ano?

Esperamos todas as surpresas, — todas, entenda-se — menos a repetição da bambochata anterior.

«Sol Nascente» que, na mediana das suas forças, tem contribuído para a difusão da cultura, confia que os livreiros tenham o elementar bom senso de não ludibriar, mais uma vez, o público — impingindo-lhe gato por lebre...

Vai abrir brevemente a Feira do Livro.

Oxalá que tenhamos motivo para aplaudir os mais directos interessados (os Livreiros), são os desejos sinceros de «Sol Nascente».

Oxalá, oxalá — mas duvidamos, acreditem...

## antologia de

# a educação

A verdadeira questão da pessoa humana está na formação do seu espírito, no carácter, no dom da inteligência. Será conveniente o livre exercício das aptidões criadoras ou a repressão, pelo conselho maternal? Nisto se encontra o segredo grave e tremendo do mundo interior da criança. Aceitará ela satisfeita, na nebulosidade da sua, inconsciência, as pressões da ordem ou sofrerá com a imposição que lhe contenha os arrebatamentos? Estará a sua felicidade na livre expansão dos sentidos ou na temível escravidão da obediência?

Quantas vezes as vozes da ordem não terão sufocado as graúdas explosões do temperamento infantil? Para que impedir por meios autoritários os jogos ruidosos, as travessuras ingénuas, as perguntas audazes? O conceito que declama a tutela como necessário é excessivo para a direcção educadora dos actos. O sentido de iniciativa, os recursos do engenho, as dúvidas da curiosidade, necessitam do amor e franca simpatia e não do severo gesto da contrariedade. As prometedoras inclinações da energia psicológica devem estimular-se por uma generosa prática de tolerância. Opôr as emoções fecundas da complacência ao avassalador desejo de conhecimento. Lendo a biografia dos grandes homens da História vê-se que quasi todos tiveram uma infância desordenada e revolta. Vê-se pois que a vontade sem constrangimentos não lhes malogrou os destinos, permitindo-lhes, pelo contrário, conquistar com o tempo os melhores triunfos da capacidade intelectual.

A vida das crianças, fértil em rasgos geniais, instintivos, requiere um sistema de libertadora educação espiritual. A sua amizade com as diversas coisas

do mundo sugere-lhe uma assombrosa actividade de maravilhas. A imaginação trabalha procurando a realidade dos sucessos que imaginam. Arriscam a coragem, a tranqüilidade e o pensamento.

Abre-se o panorama das absurdas ambições íntimas. E' o direito natural das almas florescentes e o profundo problema do lar moderno. Deixá-los donos do seu ideal inocente, alheios ao perigo físico, será obra de certa eficácia para o progresso das nobres qualidades do espírito. A vigilância superior deve ter a prudente condescendência do coração iludido. Quem não terá pensado algumas vezes que a verdadeira causa psíquica das pessoas débeis, tristes e pusillânimes, não tenha sido ocasionada pelo excessivo rigor das correções domésticas?

Na verdade, há dois problemas de urgente meditação para o melhor aperfeiçoamento das faculdades enaltecedoras da criança. Uma reside na orientação moral do ambiente familiar, e a outra no método didático da acção escolar. O processo normal de ambos os princípios culturais reclama uma reacção de profundas observações psicológicas. Sobre o primeiro, o costume de aplicar o eterno procedimento de censura é prejudicial ao sentimento da natural espontaneidade humana. A vontade da pessoa aspira à vitória absoluta do seu esforço e todo o acto que intente submetê-la ou limitá-la causará a amarga dúvida do arrependimento. Sempre que a virtude da conduta não se desvie do seu caminho, o melhor prêmio à inquietidão da criança será conceder-lhe a grata emancipação dos seus cándidos anseios. Está demonstrado que o hábito de repreender,

de JULIO

## temas pedagógicos

# da criança

berrar e castigar violentamente aniquillam realmente os sintomas vigorosos da personalidade infantil. Naquela idade ditosa, a travessura e a desordem é a manifestação saudável da primeira riqueza física e mental, e regulamentar essa conquista é martirizar, ao nascer, a ilusão fecunda e bela da vida.

Há muitos pais que se queixam do carácter irrequiesto dos filhos. Desgostam-se quando eles são demasiado traquínias, curiosos, faladores e revolucionam a paz dos irmãos e a ordem da casa. Incorríveis na arbitrariedade inofensiva e tenacidade bulhosa, dentro naturalmente das lógicas licenças, a severa lei do mando tutelar perde a generosidade da paciência.

Aquela veemência sonora e desordenada parece interpretar-se como um descarrilamento dos bons costumes. Evidentemente, o juízo de morigeração é completamente erróneo, porque impede o legítimo despertar das qualidades pessoais. A vontade, a inteligência e a sensibilidade colaboram na expressão suprema da unidade biológica. Certamente no parecer da família seria bom que as crianças fossem dóceis, judiciosas, sem contemplações espirituais, verdadeiras pessoas da sociedade. Em vez da irrequieitude, a mansidão: procedimento verdadeiramente negativo para o direito harmonioso da evolução perfeita e lógica da infância.

A iniciação cultural privada, que se prolonga mais tarde na escola, oferece uma questão anímica de variados matizes pedagógicos. Trata-se de eficácia da técnica para guiar os primeiros anos da infância. Aprendem melhor as crianças que, segundo o sexo, são dirigidos pelo pai ou pela mãe? O aprendizado ins-

AR AMBURU

trutivo também se repete na escola elementar. Que concordância secreta há entre o professor e o aluno?

Revela o varão mais facilmente a sua aptidão perante o mestre ou a mulher, em caso oposto? Contribui a presença masculina ou feminina para um melhor entendimento da vocação nascente?

A solução deste problema requiere diversas análises de comprovação científica. Porém, agora, vamos unicamente referir-nos ao descobrimento feliz e pródigo da consciência vacilante, da aspiração pura desta idade magnífica. Quer seja para o bem ou para o mal, nunca se fará sem erro a inclinação precoce das almas, que anelam o privilégio duma satisfação completa. Vigiar sem violência, nem ameaças, a diversão sã e pueril dos temperamentos, será o máximo consólo, que os pais podem dar ao ensino dos filhos.

Gregório Maraño, num dos seus profundos estudos de psicologia infantil, escreve este verdadeiro pensamento:

«As rebeldias das crianças já-mais devem corrigir-se pela violência, porque são impulsões transitórias, necessárias para a expansão do carácter futuro, e que são, também, sempre obedientes a uma persuasão feita com inteligência e com paciência; virtude modesta que para tratar com crianças se eleva à categoria de importante». Dentro do caso individual, em cada tipo diferente de experiência, as palavras do clínico espanhol devem meditar-se para certificar a utilidade de uma grande esperança humana. A crise psíquica na formação rudimentar da criança reclama a aplicação cautelosa de uma nobre terapêutica moral. Ensaiar o sistema libertador dos antigos pre-juízos sociais da obediência nas relações da criança e da pessoa adulta, pode ser o princípio milagroso de um novo destino para a supremação franca e benfitora da actual educação.

## Uma carta

Pôrto—6-V-37

Ex.<sup>mos</sup> Senhores directores de «Sol Nascente»:

Muito grato lhes ficaria pela transcrição da seguinte carta, que nesta data envio ao sr. Joaquim Madureira, director de «O Diabo»:

Aljube do Pôrto—6-V-37

Ex.<sup>mo</sup> Senhor director de «O Diabo»:

Acabo de receber uma carta assinada por V. Ex.<sup>a</sup> convidando-me a colaborar no número comemorativo do 3.<sup>o</sup> aniversário de «O Diabo», e tenho de comunicar-lhe que não me sinto nada honrado com esse convite; e, recusando-o, passo a expor-lhe porque:

O 3.<sup>o</sup> aniversário que se propõe comemorar não poderá ser o de «O Diabo», ao qual dei, com a maior simpatia, a minha modesta colaboração; esse, matou-o V. Ex.<sup>a</sup> com uma perícia que lhe faz honra e a quem o escolheu para tal fim. «O Diabo» que V. Ex.<sup>a</sup> dirige não passa de vasadoiro do invulgar cretinismo das várias fobias que o distingue do comum dos mortais — e pena é que V. Ex.<sup>a</sup> não se tenha resolvido ainda a encher com a sua hilariante prosa o pobre do semanário, para perder a ilusão, que de certo tem, de que é ela que lêem os compradores do mesmo que ainda resistem, graças a um ou outro artigo que não traz a marca de V. Ex.<sup>a</sup>

A belíssima e fecunda acção que «O Diabo» estava desenvolvendo sob a direcção de Rodrigues Lapa, comprometeu-a irremediavelmente V. Ex.<sup>a</sup>, substituindo-a pelo resultado das suas más digestões e por delírios de verbalismo absolutamente confrangedores.

Só tenho pois uma forma de comemorar o 3.<sup>o</sup> aniversário de «O Diabo»: lamentar que V. Ex.<sup>a</sup> o dirija.

De V. Ex.<sup>a</sup>, com a máxima falta de consideração

ADOLFO GASAIS MONTEIRO